



Universidade do Estado da Bahia - Departamento de Educação Licenciatura em Filosofia

Larissa Ferrer de Almeida

O Problema dos Ideais Ascéticos em Nietzsche

Salvador

2025

Larissa Ferrer de Almeida

O Problema dos Ideais Ascéticos em Nietzsche

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como parte das exigências para a obtenção de título de licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Alex Sandro Leite

Salvador

2025

Larissa Ferrer de Almeida

O Problema dos Ideais Ascéticos em Nietzsche

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade do Estado da Bahia (UNEB) como parte das exigências para obtenção do título de licenciatura em Filosofia.

Salvador:

Banca Examinadora:

Professor Dr: Alan Sampaio

Professora Me: Maria Saievicz

O PROBLEMA DOS IDEAIS ASCETICOS EM NIETZSCHE

Larissa Ferrer de Almeida graduanda em licenciatura de filosofia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) larissaferrer968@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem o objetivo de analisar e interpretar a terceira dissertação (o que significa os ideais ascéticos) da obra Genealogia da Moral de Friedrich Nietzsche. Este trabalho se propõe a interpretar os ideais ascéticos na filosofia, no artista, nos filósofos, no cristianismo, na ciência, na história e no ateísmo.

O ascetismo é um dos conceitos demasiadamente relevantes na filosofia nietzscheana. Conforme o filósofo, na arte e na ciência o ideal ascético assume a intenção idealista. Na religião, na filosofia e nos filósofos o ascetismo assume a intenção idealista e dualista, que neste caso favorece a negação da vida e dos sentidos sustentado em uma máscara em detrimento de um ideal de vida imaginário. Portanto, os ideais ascéticos é um problema para Nietzsche, porque estes são contrários a afirmação da vida concreta.

Palavras-chave: Ideais Ascéticos. Cristianismo. Sacerdote. Ciência. Arte

Abstract: The present article aims to analyze the third dissertation (which means ascetic ideals) of the work Genealogy of Morals. This work proposes to interpret ascetic ideals in philosophy, philosophers, religion, science, history, atheism and art.

Asceticism is one of the most relevant concepts in Nietzschean philosophy. According to the philosopher, in art and Science the ascetic ideal assumes the idealista intention. In religion, philosophy and philosophers, ascetism assume the idealist and dualistic intention, which favors the denial of life sustained in a mask to the detriment of na unrealistic ideal of life imaginary. Therefore, ascetic ideals are a problem for Nietzsche because they are contrary to the affirmation of concrete life.

Keywords: Ascetic Ideals. Christianity. Priest. Science. Art

Introdução

O ascetismo é um dos conceitos importantes na filosofia de Nietzsche. O que são os ideais ascéticos? Para Friedrich Nietzsche, enquanto um filósofo crítico dos ideais ascéticos, o ascetismo assume intenção dualista e idealista em que o humano seria constituído por duas partes: (corpo e

alma). Logo, isto é ascético porque o que está por trás disto é a negação da vida, do mundo natural e dos sentidos. Para os ascetas, a alma é classificada como imortal, superior e possui mais valor que o corpo. Neste sentido, corpo e alma na concepção do ascetismo são dois compostos distintos ou um adversário do outro. Em suma, a alma é a dirigente do corpo e os corpos são mortificados e desprezados pelas exigências ascéticas. Nesse sentido, os ascetas são aqueles que propõem a elevação da alma em detrimento da inferiorização do corpo. Conforme Nietzsche, promover a elevação ou exaltação da alma é promover a negação do corpo ou vida. Os ascetas valorizam uma vida irreal, decadente e martirizada. Essa valorização de uma vida decadente, é presenciada principalmente nos filósofos Platão e Sócrates, ambos foram ascetas e suas filosofias defendem o ascetismo em proveito do enaltecimento da alma e o desprezo do corpo. Ambos pensam ser o corpo a corrupção da alma, por isso o corpo não deve ser igualmente valorizado como a alma é. Para esses filósofos, a perfeição está na alma, enquanto a imperfeição se encontra no corpo e este é o atraso da evolução da alma. No ascetismo cristão, os ascetas decadentes são os sacerdotes ascéticos. Estes almejam uma nova vida paradisíaca, o poder e domínio sobre a vida dos seres humanos e a encarnação em Deus. Uma das funções do sacerdote é amenizar o sofrimento dos rebanhos (seguidores de Cristo e Deus), os quais estão cansados da vida terrena. Como bom pastor, o objetivo do sacerdote segundo Nietzsche é dar sentido ao sofrimento dos seus seguidores e guiá-los a uma vida de negação, ou seja, de não afirmação dos instintos da vida terrena ou natural. Que nega essa, para afirmar uma imaginária. Para o filósofo, a vida terrena cristã é atravessada por culpa e pecado. Neste aspecto, o sofrimento tem um sentido ou significado de castigo e de crueldade. Em outras palavras, os homens religiosos estão convencidos que eles sofrem porque eles pagam por culpa imaginária do pecado de pecarem na vida terrena. Entretanto, o sofrimento na concepção do sacerdote, é um castigo que estes precisam passar para redimir a culpa e ganhar a salvação eterna noutra vida. O ascetismo na ciência se apresenta como um “valor da vontade da verdade.” Uma “verdade absoluta”. Na arte, o ideal ascético se apresenta a partir de Richard Wagner como uma busca por algo não terreno, a não realidade, uma homenagem a castidade. Portanto, todos os tipos de ideais ascéticos estão ligados a escolha de se esconder atrás de uma máscara para negar a vida cotidiana e os sentidos e assim aderir uma vida ficcional.

Ascetismo

O ascetismo se manifesta na religião, na filosofia, na arte, na ciência e nos mortais. Em todos esses personagens, o ascetismo assume a ideia de máscara com intuito de fugir do vazio, do sem sentido e do vácuo. O ideal ascético é a negação da vida. Este é um problema para a vida, porque é sintoma de destruição dos instintos e vontade. É uma decadência fisiológica, que o despreza o mundo terreno. Nesse sentido, o apego ao ideal ascético tem a finalidade de ocultar, fugir ou negar algo que o persegue a existência. No platonismo, conforme foi mencionado acima, o ascetismo assume a intenção dualista e idealista, em que o humano é composto de corpo e alma, sendo a alma superior ao corpo. Enquanto o corpo almeja os prazeres concretos e existenciais, a alma abstém destes prazeres e se apega as exigências do além-mundo. Por isso, os ascetas martirizam o corpo para conseguir conquistar o desenvolvimento e elevação plena da alma com ensinamentos ascéticos, como a abstinência aos prazeres da vida terrena e negação desta para a conquista de uma vida ficcional em outro mundo ou dimensão. Dito isso, é por causa desse raciocínio ilógico que o ascetismo tem o “motivo banal” de crucificar o corpo, matando aos poucos, esvaindo-se a existência deste para dar sentido as práticas decadentes do corpo e alcançar uma imaginária vida perfeita e superior a esta. Na moral cristã, o martírio do corpo é aceito e benéfico porque nessa ação, segundo os homens religiosos tem-se a possibilidade de alcance da conquista do além-mundo. No contexto do ascetismo filosófico, o ideal ascético se apresenta na filosofia como um mascaramento ou ocultamento que a filosofia realiza a partir do mundo real para promover uma nova visão ideal e dualista de mundo como a metafísica, a ideia do em si, transcendência e do espírito absoluto hegeliano. A partir do livro Fédon de Platão, o pensador afirma que o verdadeiro filósofo é aquele que almeja o desprezo do corpo porque este além de interferir na evolução da alma, ele impede de realizar a atividade filosófica. Em suma, para o filósofo alemão Friedrich Nietzsche, querer a negação do corpo é almejar a negação da vida. Pois, no entender de Nietzsche, não existe vida além do corpo e nem mundo fora da vida terrena. Entretanto, a negação do corpo e da vida realizada pelo ascetismo é uma prática que caminha para a decadência. Sendo assim, a vida asceta é uma existência degenerada que quer o fim da vida terrena. Nietzsche também compreende o ascetismo como uma vontade ascética de favorecer a conservação de uma vida decadente. Na perspectiva do filósofo, o ascetismo entrou na história criado pelos homens que sendo decadentes querem a fuga da vida e do sem sentido, do vácuo, e almejam o poder e domínio sobre o outro e as realizações das práticas ascéticas. Esses homens são os sacerdotes ascéticos que por meio da máscara doutrinária da defesa da negação da vida terrena e a afirmação do sofrimento como condição para uma salvação, elevação e superioridade espiritual, esse personagem usa-se da Bíblia para enganar e manipular os rebanhos por meio de seus dogmas retrógrados cristãos para acreditar,

idealizar e afirmar uma vida ficcional no além-mundo e dar sentido a esta. Ou seja, dá um sentido e significado a vida de quem está cansado de sofrer na vida terrena. Em outras palavras é mudar a direção do sofrimento de quem sofre. No entanto, ao se esconder na máscara de favorecer um sentido à vida e na promessa de uma vida no além-mundo, este sacerdote preserva uma vida decadente para fugir do vácuo, do vazio da existência para dominar, manipular e ter poder sobre os rebanhos de seguidores de Cristo.

Na percepção de Nietzsche, o ascetismo é entendido como um aparato que pode ser um caminho para se chegar ao ressentimento. Isso porque todo decadente, todo ressentido quer encontrar um culpado para a sua dor e sofrimento. E ao encontrar este culpado é uma garantia que o sofredor se vingue. Dito isso, a vingança do sofredor contra o culpado favorece a amenização pela dor sofrida. Então, a vingança do sofredor contra o culpado é um remédio para a dor do sofredor. Entretanto, por meio da ideia de culpa e castigo, o sacerdote ascético ensina que o próprio decadente, ou seja, aquele que sofre é o culpado por sua dor e por este motivo ele mesmo deve vingar-se dele próprio por meio da abstinência dos prazeres do corpo.

O ideal ascético na ciência se manifesta com a camuflagem da verdade concreta. É o ocultamento da verdade concreta tal como ela é, essa ciência do século XIX na percepção do filósofo, defende uma vontade de verdade que foge do mundo concreto. Por este motivo, a ciência venera o ascetismo no grau mais elevado de uma vontade de verdade.

O artista Richard Wagner também se esconde atrás da máscara do ascetismo quando este projeta sua arte para um “nada”, um além que sustenta a defesa da castidade.

O ideal ascético entre as mulheres, se manifesta na forma de sensualidade. A sensualidade não espontânea é superficial. Sensualidade não natural, é o aparato para o ascetismo que faz homenagem ao ideal de beleza. As mulheres desprovidas de beleza natural forçam um tipo de sensualidade e beleza não espontânea para assim mascarar fealdade elas se apropriam de um ideal de beleza artificial como procedimentos estéticos corporais (plástica, botox, harmonização facial) etc. Entre os mortais, o ideal ascético assume a máscara do ocultamento de algo como a dor, sofrimento, o tédio, a tristeza, os segredos maquiavélicos que todos desejam fugir ou “enterrar para sempre”. Para esconder seus problemas ou inimigos interiores que o perturbam, esses meros mortais se apegam a máscara de um ideal ascético para ocultar ou na tentativa de apagar seu inimigo interior, essas pessoas passam a viver de modo decadentemente mórbido não saudável como embriagar-se, drogar-se, frequentar o manicômio chamado igreja para amenizar ou ludibriar suas dores e pecados com intuito de fugir dos seus erros. Na percepção do estimado filósofo, isso é um sintoma de fraqueza. Pois, exterminar a vida dia após dia sem enfrentar seu inimigo interior é atitude dos fracos que não querem encarar seus inimigos interiores, seus sofrimentos, suas fraquezas etc.

O ideal ascético no artista

O ideal ascético no humano tem por finalidade uma vontade de fuga do vazio e do sem sentido. O artista escolhe a máscara de se apegar ao ideal de uma vida e de arte casta. Ao invés de escolher viver a vida real e terrena e aderir a arte e seus elementos artísticos da vida concreta sem máscaras, o artista a exemplo do Richard Wagner que prestou homenagem e adoração ao ideal ascético por meio de sua arte musical, para ele essa prática de escolher seguir uma arte musical afirmativa e concreta é tortuosa e verdadeira demais para um homem que nos finais de sua vida decidiu retroceder e enfraquecer sua potência criadora e afirmativa da arte, desejou e realizou negar a realidade de uma arte terrena e seus impulsos de vida real para aderir a arte ascética casta. O que é um descaso, uma desvalorização e “morte” da arte terrena e dos instintos do artista. Essa adoração ascética praticada por Richard Wagner, Nietzsche denomina de “castidade ascética”. Em outras palavras, a castidade ascética é elevar a arte ao patamar mais alto ou sublime, venerando um tipo de demonstração de arte imaginária que se abstém das relações de prazeres da vida concreta. Isto é demasiadamente ascético e problemático. Porque negar a arte concreta é uma desvalorização deste movimento artístico e negação da vida em suas criações e afirmações reais. Para o filósofo, quando os fracos “(...) se põem em adorar a castidade, eles virão e adorarão em seu contrário somente o contraste das imoralidades destratadas: oh com que trágicos grunhidos ardor adoram este doloroso e supérfluo que Richard Wagner no fim de sua vida fez em música e levou a cena.” (NIETZSCHE 2013, p. 97) Como um venerador e apaixonado pela forma de vida do ascetismo artístico, Richard Wagner se deixou guiar pela máscara do ascetismo, seu delírio e elogio da castidade a partir de sua criação artística o “Parsifal”, o qual é uma ópera de três atos com música libreto do artista Richard Wagner.

“Em *Ecce Homo*, se lê: “Wagner era um revolucionário” (EH/EH, por que sou tão inteligente 5, KSA 6.288). O “era”, aqui, é deveras sugestivo. Era um revolucionário porque, até determinado estágio, o músico constituía a esperança de renovação da cultura alemã¹⁵. Ou, em outros termos, o renascimento do trágico para a modernidade.” (VIEIRA, 2022 p.238)

Ao deixar de ser um homem revolucionário ou influente da sua cultura, Wagner decepciona Nietzsche por este escolher viver e aderir uma vida ascética. Nesse sentido, Wagner deixa de lado a possibilidade de levar influências e esclarecimento da transformação do sujeito por meio de sua arte musical a cultura alemã e passa a influenciar negativamente a cultura alemã a viver uma vida

ascética e casta, algo que Nietzsche critica com demasiado rigor. Na percepção de Nietzsche, o Parsifal é um drama satírico e ascético que se esconde atrás de uma máscara para valorizar e exaltar um tipo de vida que se abstém dos prazeres concretos da vida terrena. O Parsifal se esconde numa máscara para negar a vida terrena e aderir ao obscurantismo de uma vida casta e abnegar a si mesmo com todas as suas forças, como seus desejos e vontades da vida concreta. Contudo, o Parsifal de Richard Wagner é o prejuízo da vida porque esta venera uma vida não concreta, e é a negação da vida terrena por escolha de um tipo de ideal de máscara ascética que adere a vida decadente para o falso benefício de uma salvação fictícia da vida. O Parsifal é também a encarnação ou imitação de Cristo, uma vez que, o personagem protagonista da ópera tem seus pés lavados e secos por Kundry¹. Sendo assim, o Parsifal deste artista é a perversidade contra o valor da vida real. É uma alegria fictícia e obsessão de uma salvação irreal no mundo imaginário. A castidade é um tipo de ascetismo porque é a negação dos sentidos, dos impulsos e ela é a valorização e conservação de elementos castos que se encontra fora do mundo real. É o abandono aos desejos e potências físicas da vida real em busca de desejos fictícios de uma outra vida. Por isso, de acordo com Nietzsche existe no Parsifal de Richard Wagner a malignidade intelectual, a deturpação da vida afirmativa em contraste com o detrimento do ideal ascético. Todavia, com o elogio e valorização da castidade, Richard Wagner está “separado” da vida terrena, porque sua homenagem a castidade é uma prática e um problema ascético em alto grau e uma fraqueza porque negar a vida é negar a existência de si, os desejos e impulsos que compõem a vida concreta e suas potências. Portanto, o objeto de ideal ascético em Richard Wagner é a castidade.

O ideal ascético no filósofo

O ascetismo nos filósofos se apresenta a partir do idealismo, dualismo, metafísica, repressão aos desejos sexuais, negação da sensualidade do feminino, negação do casamento e isolamento social. Para Bertrand Binoche, o ascetismo é a mortificação premeditada da própria vontade (2018). É relevante afirmar que o conceito de ascetismo em Nietzsche é múltiplo e ambíguo. Porém, todos esses sentidos de ascetismos possuem relação entre si. Todos seguem um sentido de mascaramento e escolha de aderir a fraqueza, a abnegação da vida e dos impulsos.

Os filósofos clássicos Sócrates, Parmênides e Platão foram os primeiros a fantasiar uma espécie ascética de “Ser”, “mundo inteligível” e metafísica que se encontra além do mundo sensível e é inerente e inseparável do ideal ascético. Esses filósofos valorizam um tipo de ascetismo que preza pela intenção dualista e idealista da vida, em que o humano seria constituído por duas partes (corpo e alma). Para o asceta Platão, a alma é classificada como imortal, superior e tem mais valor que o

¹ Personagem feminina do drama satírico o Parsifal.

corpo. Neste sentido, corpo e alma na concepção do ascetismo filosófico platônico são dois compostos distintos ou um adversário do outro. Sendo assim, a alma é a dirigente do corpo e o corpo é mortificado e desprezado pelas exigências ascéticas da alma. Os ascetas como Platão, Sócrates e Parmênides propõem a elevação da alma em detrimento da inferiorização do corpo.

Conforme Nietzsche, promover a elevação ou exaltação da alma é promover a negação do corpo ou vida. Os ascetas filósofos dentre eles Parmênides valorizam uma metafísica do Ser. O ser é e o não ser não é. No entender de Parmênides o Ser é imutável, eterno, único e sempre existe. Para esses filósofos, a perfeição está na alma, no além-mundo e no Ser, enquanto a imperfeição se encontra no corpo, nas coisas concretas, nos sentidos e no não ser.

Sem demasiada diferença, os filósofos modernos Descartes, Hegel, Kant e Schopenhauer seguiram influências dos filósofos clássicos, sustentando a criação das suas filosofias no ideal ascético. Nietzsche denuncia o ideal ascético em Schopenhauer, este filósofo pensa a música como arte independente, como linguagem da própria vontade, que fala das profundezas do Ser sustentada em um mundo metafísico. “(...) como se entende que um verdadeiro filósofo, um espírito de base própria como Schopenhauer, uma personalidade que sabe andar sozinho, sem chefes, nem rebanhos, renda homenagem ao ideal ascético?” (NIETZSCHE, 2013, p. 100). Para Nietzsche, a homenagem de Schopenhauer ao ideal ascético, fez deste um pessimista, renunciando a afirmação dos prazeres terrenos e alegrias da vida.

Na perspectiva de Nietzsche, Schopenhauer usufruiu da concepção kantiana do problema estético da arte. Kant nomeou ou contemplou a arte “como tudo o que agrada desinteressadamente.” No entender de Nietzsche, Kant não estudou profundamente o problema estético a partir da experiência sensível de um artista, não pensou acerca da arte e do belo de modo artístico, mas apenas “filosófico”. Em outras palavras, faltou a Kant estudar o problema estético incluindo a experiência com olhar de artista. Sem a experiência artística, como “as emoções”, “a sensibilidade”, “desejos”, “surpresas” e “êxtases” não é possível contemplar a respeito da arte. O filósofo Immanuel Kant “(...) apresentou definições secas, em que falta por completo a experiência pessoal mais sutil.” (NIETZSCHE, 2013, p. 101) Dito isso, carece em Kant a inexperiência aprimorada do olhar estético. “Para quem conhece um pouco de Schopenhauer, isso se explica facilmente: querer é viver, e viver é sofrer, nesse sentido, para não sofrer, é preciso cessar de querer, negar a vida em vez de afirmá-la de maneira tola como um animal. O ascetismo é a negação salutar do querer-viver.” (BINOCHE, 2018 p.15) Schopenhauer rendeu homenagens ao ideal ascético a partir do problema da metafísica da música. Seu pessimismo diante da vida, sua repressão aos desejos sexuais, aos instintos, negação a sensualidade das mulheres, do casamento e o isolamento social para aperfeiçoamento da sua sabedoria. Para ele, os desejos sexuais são torturantes, sofridos e desviantes para a elevação do espírito e do intelecto. Sendo assim, esses desejos sexuais no entender dele é o impedimento para

se alcançar a sabedoria, a filosofia perfeita. Por isso, o filósofo percebeu a sexualidade, os desejos sexuais como inimigo da sabedoria. Na perspectiva de Nietzsche, se Schopenhauer aderisse as práticas sexuais com apenas 26 anos de idade, seria aderir a inferioridade do intelecto na percepção do próprio Schopenhauer. Contudo, para fugir desse martírio chamado de desejos sexuais, Schopenhauer adere ao belo como uma promessa de felicidade e uma possibilidade de fuga da tortura dos desejos sexuais. Assim como a sexualidade, conforme Nietzsche, Schopenhauer também rejeitava as mulheres porque estas seriam a abertura direta para o favorecimento da sensualidade sexual, a qual poderia libertar a tortura dos desejos sexuais de Schopenhauer este inimigo o qual ele lutava contra com todas as suas forças físicas e intelectuais para impedir a manifestação dessa degeneração do intelecto. Conforme Nietzsche “há em todos os filósofos certa benevolência em favor do ideal ascético.” (NIETZSCHE 2013 p.104) Os filósofos em todas as épocas se apegaram aos ideais ascéticos para encontrar sentido para a vida, para o Ser e para a criação das suas filosofias. Entretanto, todos filósofos também veneraram o ascetismo do não casamento. A repressão do casamento é necessária para esses filósofos, uma vez que o casamento representa na perspectiva deles um obstáculo para se dedicar integralmente e incondicionalmente a sabedoria/filosofia. Contudo, casamento e filósofo são um inimigo um do outro. A ideia de compromisso que consiste no casamento como o compromisso do lar, da esposa e dos filhos é um desvio para que os filósofos não alcancem a sublime ou mais alta sabedoria. Nenhum dos filósofos foram casados, exceto Sócrates que na perspectiva de Nietzsche era um casamento comédia (não era um casamento de verdade), o próprio Sócrates se casou por ironia. Portanto, no entender de Nietzsche, o casamento é uma prática, uma atitude que faz parte da vida concreta. Nega-lo é uma prática ascética. Pois, o casamento é parte da vida terrena, negá-lo é também uma forma de negar os elementos materiais e afetos da vida real. O curioso é que o próprio Nietzsche também não aderiu ao casamento. O que se pode notar que ele também rendeu homenagem ao ideal ascético.

A rejeição pelo casamento, fez os filósofos aderir a solidão como forma mais sublime para o filosofar. Até o próprio Nietzsche também aderiu a solidão, afastado de todos em suas viagens de primavera pela Europa como Suécia e a Itália. Dito isso, o próprio filósofo também foi um ascético, quando rende homenagens ao estilo de vida de isolamento. Mas um ascetismo como condição de vida superior, de melhoria do intelecto, de sabedoria. Em outras palavras, a condição ascética como isolamento para estudar e escrever, longe dos familiares e dos amigos era para o aperfeiçoamento da sabedoria como condição filosófica, por isso o ascetismo do próprio Nietzsche neste aspecto seria um ascetismo afirmativo, porque não nega e nem tem aversão a vida terrena, ele se isolava por bons motivos: aperfeiçoar seu intelecto, sua sabedoria da vida e de tudo. No caso específico de Schopenhauer, este se isolava para aperfeiçoar sua sabedoria, mas também porque tinha aversão a vida e a tudo que faz parte da vida terrena. “Como entender o ideal ascético no

filósofo? Eis a minha resposta, o filósofo sorriu a este otimismo das condições necessárias à espiritualidade mais elevada, mais sublime e audaz.” (NIETZSCHE, 2013 p.105). Os filósofos são aficionados pelo ideal ascético, eles desejam o espírito lúcido e impulso ideal nos seus ideários ascéticos que pairam nas suas vontades “além da vida concreta” ao invés de repousar na mesma. De acordo com Nietzsche, os filósofos abraçam a fraqueza, a pobreza, a humildade e a castidade como práticas decadentes e ascéticas. Essas palavras descrevem o asceta filósofo e todos que se sustentam de uma moral² decadente³ e pusilânime. Além de carência de potência de uma vida afirmativa, os fracos pertencem a um espírito de declínio. O filósofo asceta é aquele que se opõe aos prazeres da vida, procura refúgio em um tipo de conhecimento e sabedoria sublime em um mundo ideal e isolado dos demais ao seu redor. Ou seja, eles se sentem realizados no isolamento para aperfeiçoar suas filosofias para ter uma condição de espírito elevado. O filósofo asceta é também profanador do pessimismo, da exacerbação da razão e certeza indubitável como René Descartes. Esses filósofos rejeitam a fama, os príncipes e as mulheres. Esses pensadores não desejam ser aclamados e venerados pela fama, nem pelo poder e pelos desejos sensuais das mulheres. Apenas almejam sofrer pelo ideal de verdade, de razão absoluta, busca do em si e de certeza indubitável. Um tipo de verdade que se encontra fora da realidade. Embora a verdade não se encontre fora do mundo real. Porque não há verdades absolutas, apenas interpretações e perspectivas. Absolutizar a verdade e razão como fez Hegel e outros filósofos, é renunciar a verdade perspectivista. Por isso, ascetismo nos filósofos é a renúncia radical dos prazeres terrenos da vida. É o desenvolvimento e prosseguimento de uma elevação ideal intelectual superior de além-mundo. É para este tipo de elevação superior ideal que os filósofos contemplam, defendem e afirmam.

O ideal ascético na filosofia

Durante toda história da filosofia, sempre existiu uma relação potente entre filosofia e ideal ascético. Foi a partir do ideal ascético que a filosofia sustentou seu conhecimento do ideal de razão, desconfiança dos sentidos, apreço pela metafísica e exaltação ao ideal da verdade. A partir da frase

² O termo moral nos textos de Nietzsche, se aplica ao mesmo tempo, ao âmbito fisiológico e social, a regulamentação vigente entre as ínfimas partes que compõem o organismo e a hierarquia estabelecida entre os homens. Enquanto se destina a regulação entre os impulsos, o filósofo confere-lhe a significação de moral como uma espécie de elemento que regularia o comportamento dos impulsos entre eles. As morais seriam do ponto de vista fisiológico, tão somente formas de expressar hierarquia presente entre os impulsos, as interpretações que se dão nas profundezas. Sob outro aspecto, a moral aparece, na ótica do filósofo, como a forma a partir da qual os homens se hierarquizam.

³ Para Nietzsche, decadência é a desagregação dos instintos, tanto do indivíduo quanto da cultura, os quais não podem mais encontrar condições que propiciem o crescimento de potência, pois perderam toda a capacidade de seleção, supondo que tudo se equivale, tudo é nivelado, não há um estilo próprio, e podem até mesmo aceitar o que é prejudicial ou ruim, ou seja, o que impede o crescimento de potência. A decadência está estreitamente ligada à doutrina da vontade de potência: não é um estado, mas um processo mórbido. Ele é o processo de esgotamento de toda organização potente hierarquizada, já que esta não pode durar indefinidamente.

referida, o ideal ascético na filosofia se apresenta no idealismo da razão, da desconfiança dos sentidos e impressões, veneração pela metafísica e valorização a um ideal de verdade. Os filósofos do ideal ascético cometem violência contra os amantes da filosofia e a própria filosofia quando estes idealizam um tipo irreal de razão e desvaloriza a relevância dos sentidos para o aprimoramento do conhecimento e afirmação da vida e ao elogio a uma imaginária verdade transcendente que na mais profunda percepção se esconde atrás desta máscara da verdade para fugir da vida concreta. O filósofo ao elevar a filosofia a este estágio mais elevado com o idealismo racional, desconfiança dos sentidos, adoração por questões metafísicas e desvalorização da verdade perspectivista, coloca a filosofia numa espécie de abismo negação da vida. No aforismo dezoito a moral do sofrimento voluntário em sua obra *Aurora*, o estimado filósofo declara que:

“(…) nada foi pago mais caro que essa parcela de razão humana e de sentimento de liberdade que constitui hoje nosso orgulho. Mas é por causa desse orgulho que nos é praticamente impossível hoje ter o senso desse enorme lapso de tempo em que reinava a moralidade dos costumes, (…) época em que o sofrimento era uma virtude, a crueldade uma virtude, em que pelo contrário, o bem-estar era um perigo, a sede de saber um perigo, a paz um perigo, a mudança algo imoral.” (NIETZSCHE, 2013 p 48).

A imprescindível presunçosa razão, venerada pelo humano, é potente, isso não se deve negar. Contudo, como razão ideal e a moralidade dos costumes são entrelaçadas, esta união de ambas, numa época remota foi motivo de demasiados sofrimentos, tempo que o castigo era uma virtude, a iniquidade era uma virtude, barbaridades, atrocidades e diversos tipos de perversidades. Todos esses sofrimentos, defendidos por uma moralidade de rebanho e uma razão ascética foi por muito tempo “correto” e sustentado por uma moral do sofrimento voluntário. Em contraste com esses fatos bárbaros, o saber concreto, a afirmação dos sentidos, o deleite, o júbilo, a harmonia eram percebidos pela moral de rebanho como aflição e adversidade. Para Landim:

“Nietzsche estabelece sua crítica à filosofia partindo desse ponto, porque a busca de um em si é uma negação da vida, da vontade, dos instintos naturais. Para alcançar o em si os filósofos partiram primeiro de uma negação ou, melhor, de um abandono da vida conflituosa, que é repleta de interesses, vontades e instintos.” (LANDIM, 2020, p. 6)

Em outras palavras, os filósofos do ideal ascético conduziram a filosofia ao precipício. Essa crueldade dos filósofos racionalistas e idealistas modernos trasladou a filosofia a rejeitar os sentidos e os filósofos clássicos convenceram que a realidade e as impressões são falsas. Esses filósofos ascéticos levaram os amantes da filosofia e a filosofia a acreditar e defender que a verdadeira realidade e a verdade estão fora do mundo concreto. Essa rejeição a tudo ligado ao

mundo empírico para se encontrar e se concentrar somente em um conhecimento que defende uma razão ideal é demasiadamente ascético. Porque o verdadeiro conhecimento se sustenta e necessita da união do empírico com a racionalidade. Um sem o outro é um desfalque. Segundo Nietzsche, o que sempre existiu na filosofia foi vontade de verdade. “O que havia de inativo, de sonhador, e de pusilânime nos instintos desses homens, teve que rodeá-los de uma atmosfera de profunda desconfiança, da qual não podiam libertar-se senão inspirando o medo de si mesmo.” (NIETZSCHE, 2013, p.111) A finalidade do ideal ascético é tornar o homem fraco, enganado, sendo este humano incapaz de renunciar a razão ideal fictícia e a ilusão metafísica transformando-se em escravo dos vícios degenerados corruptíveis da potência de razão e de si mesmo. Na perspectiva do filósofo alemão, a “fraqueza decadente” de todo filósofo ascético é a “construção” de um “novo céu” para encontrar forças no próprio bataro. Ou seja, é construir um novo mundo idealizado, com razões transcendentais metafísicas e invenção de uma verdade irreal para dar sentido ao próprio vazio. Os filósofos apaixonados pelo ideal ascético, espíritos inoperantes filosofam renunciando a vida concreta e seus impulsos reais e a realidade. E se integram a espécie de homens absorvidos pelo ascetismo, por este motivo “(...) o ideal ascético serviu durante muito tempo ao filósofo como forma de existência, como predisposição a existência, ele teve de representar ser filósofo, teve de crer no ideal ascético. Este é o caráter de filósofo, que o afasta do mundo e leva a negar o mundo, a vida e os sentidos.” (NIETZSCHE, 2013, p. 112) Portanto, o ascetismo é uma forma de condição, conservação, sustentação para dá sentido a existência e vida dos filósofos ascetas. Esses pensadores creem, defende e entrega-se ao ideal ascético. Vive uma “existência idealizada” apoiado no ideal ascético, assim ele renuncia a vida terrena quando dão importância a uma razão transcendental e uma metafísica que nada diz. Rejeitam também os sentidos por pensarem que estes trazem enganos, refutam a verdade perspectivista em escolha e invenção de uma verdade irreal.

O ideal ascético no cristianismo

O ideal ascético no cristianismo se manifesta a partir dos sacerdotes ascéticos e sua escolha em negar o mundo real e a vida concreta em detrimento de uma vida ideal e irreal no além-mundo imaginário. O sacerdote, o venerador do ideal ascético, este retira do ascetismo a “fé verdadeira”, sua vontade e seu poder sacerdotal de manipulação da verdade em benefício próprio. A vida do sacerdote e o sentido da vida estão unidos neste ideal imaginário. O poder sacerdotal tem a finalidade de defender e propagar sua doutrina e dogmas religiosos. Em suma, este propõe a negação da vida, o desprezo do corpo e da vida terrena para favorecer a fictícia “elevação espiritual” e a conquista de um além-mundo imaginário. Para Nietzsche, o ascetismo cristão

consiste em dar sentido ao sofrimento de si e dos rebanhos seguidores e defensores desse ideal. “O Cristianismo prega que a existência terrena ou concreta, está atravessada por culpa e pecado. Nesse contexto, o sofrimento ganha o significado de castigo, o sofrimento passa a ser entendido como forma de pagamento pela culpa e pecado que transpassa a vida terrena.” (MARTON, 2016 p. 126). Dito isso, o sacerdote ascético entende que o sofrimento é um modo de castigo pelos pecados cometidos na vida terrena, e o pagamento dessa “dívida” é fazer o corpo sofrer para alcançar uma imaginária elevação espiritual.

No entender de Nietzsche, o sacerdote ascético vê a vida concreta e tudo referente a ela como diferente e inferior a uma vida além desta vida terrena. Logo, para afirmar a vida do além-mundo, é necessário a negação da vida concreta. No entender do ascetismo cristão, a vida terrena é uma passagem ou possibilidade para alcançar tanto a vida ideal, perfeita e verdadeira quanto a salvação da alma. Contudo, todo o sofrimento para o ascetismo cristão tem o sentido de elevação espiritual e só cessará ao encontro da vida fictícia. Sendo assim, é preciso sofrer para alcançar a glória. “Para o asceta, esta vida é um labirinto, um caminho errado do qual se deve retornar até novamente ao recomeço.” (NIETZSCHE 2013, p.113) Em outras palavras, na perspectiva do asceta, a vida concreta é uma falha, a qual é necessária a “formatação do humano” para o “recomeço” de uma vida perfeita, correta, sem sofrimento e sem pecados. Essa maneira descomunal e pusilânime de renunciar a vida terrena por uma fictícia é arcaica na história da humanidade. Contemporaneamente essa prática decadente da negação da vida e tudo o que florescia nela é frequente entre instituições religiosas que dão continuidade em suas pregações decadentes com intenção de domínio do outro e de desvalorização da vida e do mundo. Nesse sentido, surge no sacerdote ascético a atitude de fraqueza contra o forte, que é o desprezo.

“E as duas coisas o sacerdote ascético o faz por meio do desprezo. O desprezo é sua grande arma. Ele despreza tudo o que há no forte, seja sua saúde, sua felicidade, sua alegria. Despreza toda a potência que se efetua. Despreza as condições fundamentais da vida, desde as pequenas necessidades diárias até a própria vida. Ele despreza o homem e, por meio disso, atinge seu duplo objetivo - faz com que os fortes e os fracos desprezem a si mesmos e alastra o seu poder.” (ANDRADE, 2016 p. 56)

O desprezo do sacerdote pelo forte e por tudo que faz parte do forte, é o ódio por este e por toda a sua potência de afirmação da vida. Segundo o pensador, a terra é o planeta ascético, um abrigo para sujeitos descontentes e aversivos de si mesmos, do mundo e da existência. O malefício feliz do padre ascético é delegar o masoquismo contra si e os seus rebanhos (fiéis/cristãos) (2013). Abnegar a existência é uma violência e crueldade tanto contra a razão e os sentidos quanto a potência da vida. É o esvair da existência e da potência de vida afirmativa. O sacerdote e todos os amadores do

moralismo ascético cristão acreditam que a verdade é absoluta e estar fora da realidade. Sabe-se que existem apenas observações perspectivas e conhecer perspectivista, fora dessa explicação não há verdades indubitáveis. Por isso, é imprescindível perceber a vida através de um horizonte, sendo este horizonte o motivo de uma possível verdade perspectivista, concreta e não absoluta. Percebe-se, que o ideal ascético é originário da impotência de uma vida degenerada que se mantém na vontade de existência ideal fictícia com o propósito de fugir do sofrimento, do sem sentido e dos prazeres da vida natural. Em contrapartida, o sacerdote adere ao esgotamento doentio e destruição da vida terrena para um propósito maior de uma vida melhor e paradisíaca. Para o filósofo:

“O sacerdote ascético é a encarnação do desejo do sobrenatural; este desejo é o seu fervor, a sua paixão, sua força, e esta força é o que acorrenta este mundo. (...) esta força conserva a vida dos defeituosos, dos mal aquinhoados, dos desgraçados, dos enfermos, mantém-nos na existência, é o pastor de todo este rebanho.” (NIETZSCHE, 2013, p. 116)

Como inimigo da vida, o padre ascético tem dentro de si a vontade de se tornar um Deus, a vontade de ser um Deus é o seu desejo e propósito para governar, manipular e dominar a massa dos rebanhos seguidores dessa igreja. Essa ideia doentia e incorporação de Deus criada pelo sacerdote por sua conveniência aprisiona o mundo. Essa força sobrenatural forjada e incorporada pelo papa conserva a vida dos cristãos e é o pastor de todos estes rebanhos. Com Deus criado pelo homem a partir de sua conveniência, o mundo entra em um abismo sem volta, refutando o vigor da vida concreta para aderir o sofrimento e castigo do corpo concebido pelo ascetismo cristão para ganhar salvação eterna. Os padres, os pastores, os papas ascéticos e os bispos manipulam e convencem os homens religiosos a “deixar esta vida terrena, seguida por uma existência imaginária e entrelaçada com a cegueira existencial, o padre ascético orienta os homens religiosos a seguir o caminho do ascetismo, da degeneração e da decadência. A finalidade da moral cristã é orientar o humano a seguir um abismo sem retrocesso, transfigurando-se em um néscio que defende um absoluto fanatismo religioso doentio e perverso. Sendo raro os casos de impotência psíquica nos fortes, estes ao contrário dos fracos doentes psíquicos, devem ser preservados porque segundo Nietzsche, “(...) os doentes são os maiores perigos para os sãos, daqueles que vêm todos os males”. (NIETZSCHE, 2013, p. 117) Ou seja, deles vem todo o tipo de fraqueza. Por este motivo, o conceito de saúde e de doença representa uma finalidade crucial na filosofia de Nietzsche. Para ele, a doença não se resume somente ao estado estritamente biológico ou físico. Saúde e doença na perspectiva nietzscheana, é enquadrado no contexto do conceito de vontade de potência que se arruma ou organiza hierarquicamente. Na doença o que se vê é a decadência do tipo humano inferior e escravo. Este indivíduo é “incapaz” de superar a doença de refúgio ou negação da vida, o martírio do corpo, o martírio da psique e a impossibilidade ou fraqueza de destruição ou negação dos

valores decadentes defendidos nesse sentido pelo ideal ascético sacerdotal da igreja cristã. A saúde no entendimento do filósofo é a disposição ou arrumação dos impulsos físicos e psicológicos (fisiopsicológicos) que adentra numa maneira orgânica da vontade de potência. Enquanto na saúde se encontra a disposição ou organização pulsional, na doença encontra-se a desorganização pulsional e indisposição fisiopsicológica que conduz a decadência não somente fisicalista. No entanto, o homem pode ser doente biologicamente, mas sadio quando este não procura salvação e refúgio em ideais ascéticos para sustentar suas superstições. Para o filósofo, os doentes são os impotentes que observam a vida e a envenenam ou corrompem, afasta e nega a potência da vida. No mundo há a luta dos degenerados(doentes) contra os sãos(fortes). Esses humanos espúrios carregam consigo o rancor, a vingança, o ódio contra os (fortes). “(...) Quando alcançaram o triunfo sublime e definitivo desta vingança? Indubitavelmente quando conseguirem infundir na consciência dos felizes a sua própria miséria; quando conseguirem que estes se envergonhem da sua felicidade.” (NIETZCHE, 2013 p.120) A vingança dos doentes contra os sãos se dá por eles não defenderem e não seguirem um tipo de moral escrava e decadente como é o caso da moral cristã. A qual corrompe a potência, a saúde psicofísica, e a afirmação da vida. A partir da ideia de vingança dos degenerados contra os não degenerados, a moral deste último percebe o escravo como desprezível por causa de sua falta de vontade de superar ou ascender os fortes e por estes defenderem um tipo de moralismo decadente. Os fracos percebem os fortes como maus, arrogantes, desdenhosos, soberbos, “egoístas” e no sentido cristão como descrentes ou hereges. Os fracos incluindo os cristãos são os criadores da moral de rebanho e do ideal ascético cristão. Nesse sentido, a insegurança controla os homens religiosos, uma vez que, os fracos como os cristãos temem aqueles que são fortes e potentes como os descrentes ou sem religião e são defensores de uma moral não decadente. Eles afirmam os impulsos como astúcia, liberdade, vigor, temeridade e primazia. São responsáveis por elevar o tipo humano, superando os demais, sendo superior aos escravos por estes perceberem como perigosos esses impulsos de afirmação da vida. Na moral dos fortes também se desenvolve a saúde psicofísica, a aventura e todas as potencialidades que elevam o vigor dos fortes e afirma o valor da vida terrena. A moral de rebanho, ou seja, a moral cristã, está de acordo com a decadência e a negação da vida, de si e de tudo que é nobre e positivo. Por conseguinte, na perspectiva do filósofo:

“o sacerdote ascético deve ser o salvador predestinado, o pastor e defensor do rebanho doente; tal é a sua missão historicamente prodigiosa. A dominação sobre os que sofrem é o seu reino, para tão lhes indicar o instinto nele o seu papel, a arte, a sua maestria, a sua felicidade.” (NIETZCHE, 2013, p. 121)

Como salvador, defensor e dominador autoritário desse rebanho, é necessário que o sacerdote

ascético também seja doente psiquicamente para que os rebanhos tenham correspondência entre os dogmas e doutrinas cristãs. É imprescindível também que esse pastor ascético seja forte na defesa de sua doutrina fictícia para ter a confiança dos fiéis e ser para este rebanho uma espécie de incorporação de Deus como os papas ou o caminho para chegar a Deus. É relevante também que o sacerdote ascético mude direção do sofrimento dos cristãos, dos que estão cansados de sofrer na vida cotidiana.

“(…) Quanto ao mais, não defende mal o seu rebanho de doentes esse pastor; defendem-no contra a depravação, malícia, a rebeldia que se manifesta no rebanho: contra todas as afecções e infecções que ameaçam o rebanho, no qual se deposita essa perigosa matéria explosiva: o ressentimento que cresce continuamente.” (NIETZSCHE 2013, p.122)

Nesse sentido, em outras palavras, ele defende o rebanho contra a afirmação, o esclarecimento do intelecto e potência da vida terrena, por outro lado, se opõe a superação do ideal ascético, ou seja, abraça o ideal ascético como forma de vida continuada e degenerada. Em suma, o sacerdote ascético e os seus seguidores são ressentidos⁴. Os padres, pastores, papas, clérigos ascéticos procuram a causa dos seus sofrimentos e dos rebanhos (fiéis) na vida terrena e direcionam a dor sofrida e reafirma a escolha de incorporar-se em médico como a possibilidade de curar a dor ressentida. No entanto, o sacerdote não é um médico de verdade porque este não combate a dor do sofredor, apenas injeta remédios (palavras de esperança) para o alívio da dor do sofredor. “Para o filósofo alemão, o ressentimento é um estágio psicológico que em sua intensificação, pode se opor a vontade de vida. Quando o ser humano começa a sofrer com o problema de seu sentido, ou seja, o sem sentido, há nessa expressão de dor a presença do ressentimento.” (BARROS) Os doentes cristãos têm demasiada vontade para desvendar e curar as causas de suas “dores fictícias”, cometem violências psicológicas contra si e os homens religiosos analisam e diagnosticam os pesadelos pecaminosos dos seus passados e presente para encontrar as causas dos seus sofrimentos. Em suma, os bispos, papas, padres procuram as causas e culpas dos seus ressentimentos em coisas, situações e pessoas, que se apresentam tanto em fatos passados quanto em fatos presentes. A partir

⁴ “O ressentimento caracteriza um estado patológico; é uma forma de doença entendida desde uma “mudança de lugar”, em que há um deslocamento das próprias forças, em termos do papel da memória e da consciência. Essa última deveria estar sempre receptiva às excitações presente, mas jamais fixá-las de modo indelével. Porém, é justamente isso que ocorre quando a memória invade a consciência, fazendo, assim, da lembrança uma chaga. A consciência e a memória passam por uma disfunção que vai caracterizar o ressentimento como doença. No ressentimento, a consciência é invadida pela memória, o que faz com que sua reação deixe de ser acionada e passe a ser sentida. Como resultado disso não mais reage: só sente, e sente tudo de uma maneira rancorosa e ressentida. Seja qual for o estímulo recebido, o ressentimento sempre sente como agressão. Em virtude de não ter mais a sua reação acionada, revolta-se contra tudo com que se depara e sente necessidade de vingar-se dos outros. Na perspectiva de Nietzsche, o ressentimento é a doença característica do tipo fraco/escravo que se define a partir dessa condição patológica. No tipo senhor, a faculdade do esquecimento atua normalmente impedindo que a memória invada a consciência, tornando-se algo sensível e por isso ele não desenvolve ressentimento.” (MARTON, 2019)

do referido, o bispo ascético ao encontrar o “causador” do ressentimento, este modifica ou converte a direção do ressentimento e vinga-se em quem causou o sofrimento, ou seja, si mesmo, ele mortifica a si mesmo, vinga-se de si mesmo e da sua vida. O sacerdote ascético, diante da negação da vida e de invenções dos seus respectivos conceitos decadentes como “falta”, “pecado”, “perdição” e “condenação da alma” atuavam como remédios inofensivos para os doentes cristãos, dando aos enfermos o direcionamento e retrocesso dos seus ressentimentos. Esses conceitos ascéticos são uma forma de mudar e amenizar o ressentimento. Por isso “(...) o estado de pecado no homem não é um fato existente, mas apenas interpretação de um fato, a saber: de um mal-estar fisiológico, considerado sob o ponto de vista moral e religioso que para nós não tem mais nada de obrigatório.” (NIETZSCHE, 2013, p.123). De acordo com o fragmento anterior, para Nietzsche, o pecado é uma interpretação de um erro ou fato que a moral cristã detentora e criadora deste conceito decadente de pecado, sustenta ser uma espécie de arrependimento e traições contra Deus. Por isso, o cristianismo se apoia ou apodera da falsidade ou ficção do pecado para dominar, oprimir e manipular os supostos “seguidores do falso Deus e Cristo” inventados pela conveniência da igreja. Portanto, o pecado é uma ideia, um conceito falacioso criado pela moral cristã. Segundo Nietzsche não é uma criação divina como afirmam mentirosamente os sacerdotes ascéticos. A partir dessa fantasiosa mentira, o pastor ascético ou moral de rebanho utiliza-se desse moralismo calunioso para conduzir a direção que a massa ressentida cristã deve escolher, lamentando seus atos que são apenas erros e fatos, martiriza seus corpos e sua psique para elevar-se a condição de “doentes” para defender o Deus inventado por eles. Na perspectiva do filósofo alemão, o pecado é um acontecimento ou fato capital na história da alma doente e, é o artifício demasiadamente nefasto da interpretação religiosa. Nesse sentido, segundo Nietzsche:

“O sentir-se alguém “culpado” e “pecador”, não prova que na realidade o esteja, como sentir-se alguém bom não prova que na realidade esteja bom. Recordem-se os famosos processos de bruxaria: naquela época os juízes mais humanos acreditavam que havia culpabilidade; as bruxas também acreditavam, contudo, a culpabilidade não existia.” (NIETZSCHE, 2013, p. 124)

Em suma, o conceito de culpa nietzschiano está direcionado a dois tipos de significados: dívida e culpa. A primeira está ligada ao débito material e o segundo a um conceito moral. A culpa está ligada a uma divisão histórica da noção de dívida. A origem genealógica de culpa tem relação primitiva credor e devedor. Em épocas longínquas, o devedor garantia e pagava a sua dívida oferecendo como garantia ao credor o direito de desferir violências físicas contra o seu corpo. Em outras palavras, o credor possui o direito consensual de violentar fisicamente o corpo do devedor como forma de quitar a dívida pendente. Na percepção do filósofo, essa forma de martírio também

estava e está configurada na base das relações decadentes e ressentidas religiosas, que pequenas comunidades tribais estabeleciam como seus ancestrais. Cada geração passou a ter uma ou algumas dívidas com seus ancestrais mortos. Como espíritos poderosos e vingativos, os antepassados alegravam-se com mortes de animais e humanos oferecido lhes como sacrifício. Numa época posterior, demasiadamente remota dos criadores dos costumes de martírio, o sentido de dívida superou-se porque os ancestrais passaram a ser vistos como divindades. No entanto, a crença numa única divindade criadora do universo alcançou essa prática decadente exacerbadamente. Sendo assim, a história da dívida/culpa chegou ao seu cume com a ideia de Deus judaico cristão e do pecado original. Em outras palavras, Deus (credor) deu ao humano a vida paradisíaca no jardim do éden, mas o humano retribuiu essa dívida/pagamento com o pecado. Contudo, o credor (Deus) tem o direito de violentar o devedor (humano) pelo próprio humano. Esse sentimento de dívida ascética no humano é interiorizado e se converte em punição psíquica. Ou seja, consciência de culpa. Com essa explicação, o Nietzsche desconstrói a tradicional ideia de culpa inventada pelo cristianismo. Para ele, a culpa não pode ser compreendida como uma aceção metafísica da consciência que opera como uma bússola moral que direciona o humano a indicar o “bem” e negar “mal”. Na perspectiva do filósofo, a culpa não é a-histórica criada por Deus na alma do homem através do tormento, mas essa foi criada pelo próprio homem.

O sacerdote ascético combate a dor, o mal-estar do homem religioso doente, mas não a causa do doente, ou seja, a doença de ser e escolher agir como rebanho, ser e agir como um ascético. Os bispos, padres, pastores, papas ascéticos levam consolo ao estado de vida sofrida ou ascética dos rebanhos (fiéis). Assim:

“(…) particularmente, o cristão mesmo é um grande tesouro de engenhosíssimas fontes de consolação, leva consigo bálsamo que reconfortam, temperam e narcotizam: arrisca os remédios mais perigosos audaciosos que da forma usada para esse fim, que foram por eles inventados; com que afetos estimulantes podem vencer a profunda depressão, a pesada fadiga, a tristeza do homem doente. Em geral, todas as religiões têm por objetivo principal combater uma epidemia de peso e cansaço.” (NIETZCHE, 2013, p. 124-125)

O cristianismo é a moral de consolo e ressentimento. Como movimento de decadência, a moral cristã criou ficcionalmente a ideia de pecado com o propósito de vingança a existência de um julgamento divino que promove ou cria a vida paradisíaca no além-mundo para os escolhidos e reforçando sua vingança contra os fortes, ou seja, aqueles que se recusam a aderir e acreditar nesse tipo de moralismo mentiroso. Esse mundo na percepção errônea da igreja e imaginário criado pelo sacerdote, traz a felicidade, alegria e consolo para os falsos “seguidores” de Cristo, os quais quando alcançam esse mundo fictício são extintos dos sofrimentos enfrentados na vida cotidiana.

Neste além-mundo, segundo o ascetismo cristão, os cristãos seriam recompensados com ausência de sofrimentos e a não existência de pecados. Para a garantia desse “presente divino”, os devotos precisam viver e pregar na vida natural ações como negações da vida, dos prazeres, da verdade concreta e adentrar ou escolher viver a vida decadente ascética. Com essa ficção cristã, toda a civilização ocidental praticou o costume de negação da vida terrena em escolha de uma vida imaginária, esvaziando a vida natural de significados e passa a exaltar, valorizar e afirmar uma vida fictícia. Em outras palavras, o cristianismo contaminou o ocidente com suas ações manipulatórias e pensamentos decadentes e cruéis.

“No entender de Nietzsche, Paulo de Tarso teria sido o maior responsável pela disseminação do cristianismo assim compreendido. Popularizado pelo apóstolo na cultura pagã, o “argumento do além-mundo” teria contagiado todo o imaginário moral da civilização ocidental. O “medo”, a “esperança”, suscitados pelas noções de “juízo final” e “vida eterna” teriam propiciado um domínio cristão sobre a cultura pagã.” (MARTON, 2016. p.164).

Em suma, o cristianismo foi propagado pelo apóstolo Paulo de Tarso com finalidade de evangelizar, catequizar, manipular e dominar as pessoas que fazem parte desse movimento cristão.

Conforme o filósofo, há uma diferença entre o cristianismo vivido e pregado por Cristo e o Cristianismo criado pelo homem. Cristo não foi ressentido, mas sim um decadente no entender de Nietzsche. Jesus estimava uma vida sofredora e declinante, mas não era ressentido. O cristianismo pregado e criado pela conveniência do homem é decadente e ressentido, porque defende que o sofrimento e a renúncia como a negação e desprezo pela vida terrena levam a salvação no mundo imaginário. O movimento cristão é também a conservação, interiorização e exteriorização de uma vida decadente por entender que o sofrimento livra o pecado e a ação ascética leva o homem ao fictício além-mundo. Por isso, o movimento cristão é contraditório. Uma vez que, eles negam vida concreta e tudo que faz parte desta para afirmar uma vida imaginária.

O cristianismo dentre outros objetivos, tem a finalidade de “curar” o sofrimento do homem religioso. Para o pensador, o consolo do sacerdote aos rebanhos tem o acompanhamento de pequenas doses mínimas de alegria. Neste estágio de pequena alegria, o homem religioso encontra o caminho de direcionamento para a “superação” do sofrimento como frequentar Igrejas, realizar o batismo, fazer pregações em ruas ou comunidades periféricas para esquecer o sofrimento enfrentado por esta vida decadente. O estado de alegria mínima é o itinerário para a pequena dose de felicidade entre os homens cristãos e o sacerdote ascético. Esses estados e estágios de pequenas alegrias e pequenas felicidades não é diferente das sociedades remotas Romanas. De acordo com o filósofo, nas origens do cristianismo, encontrou-se “sociedades de socorros mútuos”, ou seja,

sociedades de amparo recíprocos ao socorro dos pobres e o cuidado com os “doentes” (fracos), o que atualmente não difere entre as Igrejas. Essas instituições acolhem os mais “necessitados”, oferecem sopas, pães e cultos nas comunidades periféricas brasileiras em determinados dias da semana em troca pelo batismo, domínio do corpo, da mente e das escolhas desses leigos necessitados. Essas práticas que são históricas, se desenvolveram entre as classes baixas de uma sociedade remota.

“Todos os doentes mórbidos aspiram instintivamente de dentro de uma vontade de livrar-se daquela má vontade atordoante e o sentimento de fraqueza, a organizar-se em rebanho; o sacerdote ascético adivinha este instinto e alenta-o; onde há rebanho é o instinto de fraqueza que o guia e a habilidade do sacerdote que o organiza.” (NIETZCHE, 2013, p.129)

Portanto, o desejo profundo dos cristãos e evangélicos é fugir das aflições da vida. Como conhecedor nato dos seguidores de Cristo, o pastor ascético sabe quais remédios psíquicos receitar para os rebanhos, qual a melhor “lavagem cerebral”, a melhor manipulação aderindo a Bíblia como suporte de poder e remédio para aplicar na alma dessas pessoas. As práticas do sacerdote ascético para direcionar as aflições dos seguidores de Cristo são: pequena alegria quando estão evangelizando e percebem a presença sobrenatural de “Deus” agindo sobre eles, o moralismo cínico do fingido amor ao próximo, a organização ou união comunitária dos homens religiosos como cultos comunitários nas favelas, o sentimento de poder contra o outro sobre as escolhas e pretensões de vida e o tédio individual quando não há evangelho para realizar a lavagem cerebral na comunidade.

A Igreja é um grandioso “sindicato” de extermínio da saúde psíquica das pessoas. Sendo assim, esta Instituição serve como um “sindicato” e os falsos seguidores de Cristo são “pacientes” deste sindicato. A Igreja é curandeira por oferecer serviço de cura de todos os males inclusive do temor a morte. E isto tem um preço, o assalto do pastor, ou seja, o solicitar dízimos para os devotos em troca de cura de seus males imaginários. No entender do filósofo, o ar que ali se encontra é poluído e caso queiramos respirar um ar livre não devemos frequentar essas Igrejas. Ou seja, se o ser humano almeja ser um humano de espírito livre, não se deve frequentar a Igreja porque nesta instituição se encontram os verdadeiros seres humanos decadentes, aberrações, ressentidos, cegos, ignorantes, doentes e fanáticos. O Nietzsche é contrário a todo tipo de fanatismo. Porque essa força negativa é contrária a potência da vida terrena, e somente os fracos se sustentam neste tipo de vontade de decadência que é o fanatismo religioso. Por isso, o intuito de todo ideal ascético no movimento cristão é a exaltação dos sentimentos de: de ódio, vingança, o castigo, o ressentimento e a perversidade contra si e a tudo o que seja diferente das normas decadentes cristãs. E tudo isso na concepção deles servem como ações corretas. Em outras palavras, os fracos no caso dos

cristãos se lamentam da sua tristeza, culpa e pecados ficcionais e adere as normas e vírus ascéticos religiosos como forma de salvar a alma. A partir dessas escolhas, os homens religiosos ficam demasiadamente doentes psicologicamente. Doente psicofisicamente, porque ignora a nobre razão e adere somente a fé cega como superior a razão para sustentar suas superstições, mentiras e suas loucuras imaginárias de vida após a morte. Nesse sentido, o homem religioso tem a Bíblia como referência ascética para expressar mensagens imaginárias e falaciosas, com finalidades de convencer as pessoas que é necessário se entregar a Cristo e aderir a religião para ter salvação da alma, “das tentações do mundo concreto”. Quando conseguem convencer o indivíduo néscio, realiza o batismo para dá prosseguimento a vida de fraquezas, submissões, servidão e sofrimentos. A partir de todas essas falácias e superstições, o papa ascético ou sacerdote ascético com objetivo de “curar” o sofrimento dos fiéis, escolhe o melhor remédio: culpar o pecador de que eles são os próprios culpados pelos pecados cometidos na terra, e para reparar a culpa e os pecados, é necessário passar pelo castigo do corpo para redimir a alma para que ela seja purificada no paraíso (além-mundo). Por isso esses homens do ressentimento (papas e padres) expressam que o sofrimento dos cristãos tem a ver com coisas cometidas num "passado remoto". Nesse sentido, o sofrimento sentido pelo homem religioso tem significado de castigo. Na perspectiva de Nietzsche, a noção de castigo é inerente a noção de credor e devedor. Ou seja, o castigo no perceber do ascetismo cristão é uma forma de pagamento que o devedor, no caso do cristão e evangélicos são obrigados quitar a Deus pelas dívidas pecaminosas e ações errôneas imaginárias cometidas na terra. Ou seja, a dor psíquica imaginária sentida pelo devoto, é o pagamento das dívidas imaginárias cometidas por estes na vida terrena. A partir disto poderemos entender que o castigo não é entendido como a correção do pecado dos seguidores de Cristo, como pensam os cristãos. O castigo é o prazer de causar dor, é a alegria psicopática de fazer o outro sofrer por seus crimes imaginários pecaminosos. Por isto, o cristão por medos de futuros pecados, passou a negar os impulsos potentes que afirmam a vida. Renunciou quem se é, suas potências de vida por medo dos ilusórios pecados imaginários.

O movimento cristão degenerou a saúde da alma das pessoas e o amor pela valorização da vida terrena por meio de mensagens ficcionais de um livro comum denominado de "sagrado", ou seja, a Bíblia, a qual já fora usada por homens devotos, defensores de um falso Deus, para matar e perseguir demasiadas vidas livres em séculos passados seguindo a rigor seus escritos irrelevantes. Através deste livro, os sacerdotes como os papas, pastores e bispos se beneficiam dos textos ficcionais contidos no mesmo para manipular e dominar a mente das pessoas que acreditam na doutrina cristã e Deus cristão criado a imagem e semelhança do homem, ou seja, pela conveniência do homem. O que sempre existiu nesses homens religiosos foi a escolha da dor, da guerra contra povos livres que pensam diferente e são contrários ao ascetismo cristão que rejeita as

alegrias da vida concreta para aderir da tristeza, sofrimento e tédio. Para Nietzsche, ser cristão é ter gosto pela crueldade contra si e os outros. Uma das crueldades que vem do cristão é ódio contra quem é esclarecido e pensa diferente e a atual perseguição deste movimento conta os anticristãos, os quais não fazem parte desta comunidade ressentida e decadente. Por isso:

“o ideal ascético, tem como característica interpretar a vida como um erro, uma falha, como apenas um meio para outra vida verdadeira no além. O ascetismo, segundo Nietzsche, é o sintoma do cansaço que necessita exterminar este mundo e criar “outro” melhor, uma invenção que tem como pressuposto um esgotamento da vida, um cansaço que impera na moral.” (COSTA, 2022 p. 168)

No entender do cristianismo, a vida terrena é pecaminosa, sofrida e errante. E somente um novo caminho, um (paraíso ideal) reverterá esse enigma, compreende-se desse modo morrer para renascer e reencarnar em uma nova vida com ausência de caos. Esse tipo de argumento falacioso faz parte da moral cristã que deprecia a vida. Por fim, a finalidade do pastor ascético é saber manipular o ressentimento fazendo este voltar para o rebanho ressentido tornando este culpado pela sua tristeza e decadência para que ele se vingue dele mesmo com todo seu ódio e desprezo por si e por esta vida “sofrida” a qual ele encara dia após dia com desgosto. Por isso ele almeja morrer para alcançar a vida ficcional eterna e assim deixar de sofrer.

O ideal ascético na ciência, na história e no ateísmo

O ideal ascético na ciência se apresenta a partir do valor da verdade, para sustentar e demonstrar suas experimentações científicas. No entender do pensador, os cientistas não são espíritos livres porque estão presos e agarrados a um ideal de verdade. Diferente do espírito preso a partir da tradição e suas crenças decadentes, um espírito livre passa a ser livre ao emancipar-se do que é tradicional. Em outras palavras, o humano de espírito liberto pensa e age diferente de tudo o que é tradicional com a força de ação e criação dos próprios valores de seu tempo. Nesse sentido, ele desprende-se de suas crenças decadentes e tradicionais, questiona crenças degeneradas, e em especial a crença da verdade. Enquanto o espírito desprendido conquistou a libertação das crenças tradicionais e valores tradicionais decadentes, o espírito aprisionado é prisioneiro de valores e crenças tradicionais.

"É exatamente por isso que o autêntico espírito livre se distingue, insiste Nietzsche, dos chamados "livres pensadores" e dos que se autoproclamam "espíritos livres" - aqui, o recurso às aspas indica o teor crítico e conotação pejorativa do tratamento que o filósofo

dispensa a estes últimos. Por mais que se vejam como ateus, como liberados e adversários do ideal ascético, os pretensos "espíritos livres" ainda representam o ideário que pensam combater, sobretudo porque continuam presos a crença na verdade, divinizando-a. De resto, os supostos "livres pensadores" são porta-vozes dos ideais ascéticos os quais se contrapõe a espíritos livres propriamente ditos, tais como democracia, igualdade de direitos, simpatia pelos sofredores, extinção pelo sofrimento e do perigo, felicidade do rebanho e assim por diante." (CORBANEZI, 2016, p.203-204)

Em suma, os espíritos puros e genuínos são diferentes dos espíritos denominados "livres pensadores" e daqueles que se declaram "espíritos livres", por mais que estes últimos se declarem como ateus e inimigos do "ideal ascético", mesmo a não crença em Deus e na fé, esses espíritos científicos exaltam e defendem a crença na vontade de verdade, endeusando-a o que não deixa de ser um tipo de ideal ascético. Portanto, os espíritos científicos são amparados no ideal ascético da vontade de verdade.

“Ao longo de sua Obra, Nietzsche identifica o problema da verdade como sendo primeiramente na esfera da moral e dos valores. As investigações históricas e genealógicas revelam que só tardiamente a verdade começa a pertencer ao rumo da lógica, do conhecimento e do real. Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extramoral contém a primeira e mais ampla tentativa de Nietzsche em levar sua tese sobre a procedência moral da verdade até as últimas consequências, mostrando a impossibilidade de sua fundamentação." (MARTON, 2016, p. 408).

Inicialmente, a verdade era percebida pelo filósofo como um valor, o "valor de verdade". Posteriormente, a verdade é também percebida como verdade e sua conexão com o conhecimento, com a lógica e o real. Conforme o pensador, a verdade combinada com a cognição e a linguagem não seria limitação porque a verdade é apenas uma metáfora. Logo, não é relevante absolutizar a verdade, porque nesse itinerário, ela se transforma em um caminho para o ascetismo. No entender do pensador alemão, a moralidade se assegura da maneira de operar linguístico para incluir a crença na verdade como prática ou ação social imprescindível. Em outras palavras, a sociedade necessita crer na verdade como forma ou maneira de sustentar sua existência na vida, o que não está incorreto. O problema é quando o ser humano resolve absolutizar a verdade e faz desta um valor idealizado e superior. Nas Obras posteriores de 1873, o problema da verdade embora ainda seja remetido ao campo da moral e dos valores, ganha novos contornos com o perspectivismo, a genealogia e doutrina da vontade de potência. A filologia, como disciplina integradora da genealogia é um dos alicerces para a tese de que não há fatos, mas apenas interpretação. (MARTON) Em outras palavras, o filósofo analisa criticamente a verdade a partir da verdade

como vontade de verdade. A vontade de verdade está associada com vontade de potência, e acreditar na vontade de verdade é o itinerário que o humano busca para apropriar-se desse valor. Logo, no entender do filósofo alemão:

“(…) a renúncia da ciência a toda interpretação (isto é, a violentar, ajeitar, abreviar, omitir tudo isto assim em conjunto), é uma expressão de ascetismo da virtude, enquanto abnega a sensualidade no fundo e somente o modo desta negação. É a força que leva a este ascetismo, esta vontade absoluta da verdade, é a fé no ideal ascético em si mesmo, embora com seu imperativo inconsciente, não se engane a respeito desse ponto, é a fé no valor metafísico, no valor em si da verdade.” (NIETZSCHE, 2013, p. 142).

Contudo, a escolha da ciência do século XIX em refutar a verdade perspectivista, metafórica por uma verdade dogmática, para sustentar suas experimentações é uma intenção ascética porque nega a verdade concreta, perspectivista e metafórica por uma vontade de verdade ideal, dogmática e absoluta. Essa ciência do século XIX, é a ciência que mantém a fé no valor da verdade não perspectivista. Quando se fala de ciência a partir do entendimento da tradição, é esse corpo de conhecimento, é a análise e estudo da verdade das coisas ou objetos estudados a partir dos métodos científicos. Na perspectiva de Nietzsche, não existem verdades absolutas a serem reveladas e muito menos verdades indubitáveis como pensava René Descartes.

A ciência amparada na vontade de verdade, cria suas “verdades ficcionais” para a sustentação da sociedade na existência. Em suma, a sociedade precisa da verdade para se amparar. A verdade e a falsidade segundo Nietzsche, são proposições perspectivista “não relevantes”, pois, o essencial é o quanto a verdade e a falsidade podem privilegiar ou dificultar o aumento da potência do indivíduo.

“Contra a metafísica, Nietzsche valoriza a postura antidogmática da ciência, o seu páthos de tudo questionar. O espírito científico deve introduzir dúvida e desconfiança contra a certeza, pois, não se deve agarrar-se a suas hipóteses com fanatismo, não considerar suas opiniões como convicções.” (MARTON, 2016 p.143)

A relevância de se fazer ciência não se encontra somente em seus resultados obtidos dos objetos estudados, uma vez que, esses serão diminutos em relação ao que pode ser ilustre ou celebre. O necessário é que também a ciência do século XIX tenha essa primazia de questionar as certezas. Se não é capaz de questionar as certezas, não será capaz de superar o fanatismo da falsa certeza. Todavia, também o essencial e necessário é adquirir ou ganhar aumento de energia psicofísica e potência para abranger uma meta útil, vantajosa ou proveitosa.

O tipo de cientista que pratica o espírito livre, é o cientista que está desprendido dos valores, dos costumes tradicionais e de um ideal de verdade. É aquele que não se detém as crenças de coisas

decadentes, ele move-se livremente, voluntariamente a partir de suas próprias forças. Apesar de existir o espírito livre científico, o estimado filósofo alemão não considera a ciência tão eficaz para agradar o ser humano, porque em uma cultura superior há um controle da ciência com a não ciência, ou seja, da ciência com a população.

“(...) Embora a ciência substitua de tempo em tempos suas verdades, ela ainda possui a verdade como um valor supremo, isto é, a ciência também tem um caráter metafísico. Ela não foi capaz de tratar da moral como problema, pois faz parte do consenso sobre ela, não questionou a origem dos valores morais, estes sempre são utilizados como pressupostos.”
(MARTON, 2016 p.143)

Em outras palavras, a ciência valoriza a verdade como um valor superior. Ela não percebe a moral de rebanho como um problema, porque ambos (ciência e moral de rebanho) são indissociáveis, por isso a ciência do espírito de peso é também a ciência de rebanho. A ciência do século XIX precisa de certezas para se sustentar na vontade de verdade, e desse modo, opõe-se ao mundo perspectivo enquanto um vir a ser de continuidade. Essa vontade de verdade defendida pelo espírito aprisionado científico, é a vontade de aniquilação, perecimento e decesso. Pois, procura inércia, isto é, o refúgio da vida. Nietzsche procura formas contrárias a essa ciência de peso, como o procedimento genealógico, e a fisiopsicologia (doutrina do desenvolvimento da vontade de potência) para estar livre dos preconceitos da moralidade e assim investigar os abismos da natureza humana. A ciência não é criadora de valores. Ela necessita de um ideal de valor da verdade. E assim, a partir do valor da verdade, a ciência tem fé em si mesma. Por isso, sua relação com o ideal ascético é de amparo e veneração para sustentar suas experimentações científicas no valor do ideal exigente de verdade. Ela, a ciência é aliada do ideal ascético da vontade de verdade. É imprescindível combater essa ciência de espírito fraco, que “empobrece a energia vital” humana. Segundo o filósofo alemão, o ideal ascético não foi superado, mas afirmado. Logo, desde a ciência antiga, a ciência moderna também não superou esse ideário de vontade de verdade. Com Copérnico o homem declinou para o nada, esse itinerário para o nada se desenvolveu na astronomia científica copernicana antiga. Assim como a astrologia, a história também é admiradora do ideal ascético, sua homenagem ao ideal ascético é “(...) ser um espelho, repele toda a teologia; não quer provar nada; não quer ser juiz; nisto julga mostrar seu bom gosto; nem afirma e nega; faz constar, “descrever...” Mas tudo isto é ascético em alto grau” (NIETZSCHE, 2013 p.146) A partir da citação supracitada, a história seria a demonstração de fatos acontecidos no passado. Logo, a analogia do espelho afirmada pelo filósofo, é essa demonstração dos fatos acontecidos. Essa história não afirma a vida e nem nega, apenas descreve os fatos acontecidos. Nietzsche separa três tipos de história: história monumental, história antiquária e história crítica. A

primeira é a o estudo de monumentos, coisas, objetos de grande valor monetário e histórico que fizeram parte de um determinado século. Neste aspecto, o passado da história monumental tem seus monumentos venerados, valorizados, reproduzidos, imitados e aperfeiçoados como forma de manter presente determinado objeto, espaços ou Instituições históricas. Para Nietzsche, o período da história monumental foi uma época de homens inteligentes e ativos, que criaram seus artefatos que possuem seu valor histórico e é valorizado no tempo presente. A crítica de Nietzsche é para os historiadores que possuem um demasiado excesso de valorização, veneração e reprodução desses artefatos. O homem que passa a valorizar excessivamente esses artefatos e monumentos históricos, é o homem passivo diante de criações de valores. Não cria nada, só reproduz o que já existe.

A história antiquaria é um tipo de clemência ou compaixão com o passado, faz o olhar do historiador voltar-se para o passado com lealdade e o respeito pela sua origem. É o amor e carinho por tudo o que existe do passado remoto. A finalidade desse tipo de história, é possibilitar a conservação da vida não afirmativa, ou seja, vida remota e esquecer de vivenciar o presente. A valorização da vida remota, de suas tradições e crenças ascéticas, tem um impacto desvalorativo e negativo para a vida concreta no atual presente. O problema não é apreciar esse tipo de vida, mas sim, viver a partir e para essa vida passada e esquecer de viver a realidade atual.

A história crítica é a análise e reflexão crítica a partir de tempos de sofrimentos que muitos humanos foram vítimas dessas crueldades. A análise crítica reflexiva, o filosofar desse tipo de história na concepção do filósofo é relevante. Porque é imprescindível compreender como se desenvolveu o sofrimento em épocas longínquas e o que levou o sofrimento e guerras entre indivíduos. Porém, no entender de Nietzsche, o homem moderno não deve se ressentir, entrar em decadência e pânico por causa dessas tragédias passadas. Porque esse indivíduo passará a viver degeneradamente com o olhar preso ao passado e esquecer da vida presente e terrena. Viver para o passado amparado no ressentimento é degenerar a potência criativa. Nesse sentido:

“Trata-se de aniquilar o passado para promover o presente, pois, é no julgamento do pretérito que o presente ganha força e vigor, com isso, serve a vida. No pensamento nietzschiano, a única forma de história ser vista de forma afirmativa é estando a serviço da vida, seja em sua forma monumental, antiquaria ou crítica.” (AZEREDO, 2016, p. 256)

Em suma, segundo Azeredo, para Nietzsche a história só tem valor positivo se esta estiver a serviço da vida. Contudo, para o pensador, a história não deve ser uma ciência porque abandonaria o seu sentido a-histórico em procura de um histórico que levaria a vida a decadência. Nietzsche relaciona o histórico, enquanto o serviço da vida, ao a-histórico, isto é, a história, quando promove a vida, está justamente expressando um poder a-histórico. (AZEREDO) Em outras palavras, a história e a a-história só tem relevância quando promove a afirmação da vida concreta. A história

se estiver a serviço da vida e criar valores, dirá Nietzsche, abre caminho para o vir a ser de uma nova cultura. Ou seja, contribui efetivamente para a vida e para a saúde de um povo, do humano e da própria cultura. (COSTA 2022) Em outras palavras, necessitamos da história para estar à disposição da vida, não para a negação desta. Ainda de acordo com Azeredo, Nietzsche refuta a noção de história do historiografismo oitocentista, cuja vigência interpretativa levaria a inércia, uma vez que, a crença de que o conteúdo da história é elevadamente racional e que inclusive, existe uma vontade divina como regente, de tal modo que a própria providência divina governaria o mundo e garantiria a racionalidade da história. Portanto, este tipo de historiografismo conduz a inatividade da vida, do humano e da existência.

O ateísmo é também um resquício de ideal ascético. O ateísmo rende homenagem ao ideal ascético porque este se ampara na vontade de verdade absoluta, da não existência de Deus e da “mentira da fé”. Todavia, a filosofia nietzschiana não está preocupada em propiciar comprovações argumentativas para negar a existência de Deus. Nesse sentido, podemos dizer que o ateísmo assume o papel de princípio e não de uma conclusão que tenha sido derivado de uma longa dedução. (MARTON) Em outras palavras, o ateísmo ao afirmar a inexistência de Deus e demais seres sobrenaturais, este por sua vez, deixa de fornecer provas concretas sobre a inexistência de Deus. O ateísmo ao afirmar absolutamente e de modo simplista por meio da conveniência pessoal de uma suposta verdade absoluta que Deus não existe, é puro achismo amparado numa vontade de verdade inexistente. Nietzsche, por outra ótica ao defender e afirmar a “morte de Deus” a partir da conduta do moralismo cristão, ele sustenta essa afirmação refletindo filosoficamente a partir da maneira perversa com que cristianismo retrata Deus por meio de sua conveniência decadente. O filósofo também sustenta a morte de Deus como um convite ao ser humano criar seus próprios valores para a vida sem se amparar em Deus. Em suma, o próprio Deus criado pelo cristão desencadeou a morte de Deus. Porque o próprio movimento cristão matou Deus por meio de seus ensinamentos irracionais e decadentes, pensamentos ressentidos e moralismo de rebanho. Não é que Deus ser sobrenatural esteja verdadeiramente morto, mas é a ideia, a calúnia do Deus perverso, cruel, criado pelo homem que fez Deus morrer para dar lugar ao Deus cruel inventado pela conveniência humana e permanecer presos aos valores tradicionais cristãos.

“No contexto do pensamento nietzscheano, o ateísmo é entendido ainda como um desdobramento dos princípios cristãos. Na ótica de Nietzsche, a honestidade intelectual seria uma virtude constitutiva do homem de ciência.” (MARTON, 2016 p. 128) Portanto, enquanto o ideal ascético cristão é o refúgio para o além-mundo, a verdade de outra vida no além, no ateísmo existe a não crença em Deus, a negação da existência de Deus e o apego exacerbado pela certeza da verdade. A ciência obteve do cristianismo a ideia de verdade, o que se transformou em a exacerbada e fanática vontade de verdade. Enquanto no cristianismo existe a verdade ascética a partir da existência

indubitável e certeza ficcional e ilógica da além vida da moral cristã, na ciência a certeza exacerbada do ideal de verdade dos fatos científicos ganham demasiada valorização nos métodos científicos. Assim, a fé na verdade se transformou na vontade de verdade, que exaltam o ideal ascético de uma verdade que não é ela mesma perspectivista e nem se encontra na vida natural. Como depende do ideal ascético para sustentar sua existência, o homem que venera ideais fictícios para viver superficialmente e fracamente, este sem seus ideais e idealismos vivem perdidos na existência da vida. A vida do homem asceta só passa a ter sentido apropriado de ideais ilusórios para viver. Ou seja, o homem do ideal ascético só sustenta sua existência a partir de ideais ascéticos. Por fim, a vida não deve ser refutada por um além ilógico e fictício. A materialidade, o corpo, a vida terrena não podem ser negados. Os sentidos, a razão, a alegria concreta, a potência e tudo o que diz respeito a afirmação da vida natural devem ser valorizados e abraçados. A oposição da razão, dos sentidos e da felicidade são refúgio e negação da vida em detrimento da vontade de nada ou vontade de um além vida inexistente.

Referências:

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**. Tradução de Mario Ferreira dos Santos. 4 ed. – Petrópolis RJ: Vozes, 2013 (56-150).

NIETZSCHE, Friedrich. Capítulo terceiro: O espírito religioso. In: **Além do Bem e do Mal**.

NIETZSCHE, Friedrich. Livro primeiro: A Moral do Sofrimento Voluntario. In: **Aurora**.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Origem da Tragédia**. Tradução: Joaquim José de Faria. Editora Moraes São Paulo SP, 2012 (1-18).

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. Tradução: Paulo César de Souza. 1ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. (208-210)

NIETZSCHE, Friedrich. Capítulo três: A Vida Religiosa. In: **Humano, Demasiado Humano**.

PLATÃO. **Fédon**. Tradução: Edson Bini. São Paulo, Edipro 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. (ORG.). Dicionário Nietzsche. São Paulo: Loyola, 2016.

STURBA, Cesar. Niilismo e a Vacuidade da Vida Segundo Nietzsche. **Revista Lampejo**. Disponível: [niilismo e a vacuidade da vida segundo nietzsche - Google Acadêmico](#) acesso: 30/03/2024.

DINIZ Rimair; BARROS Douglas. Os Ideais Ascéticos: A Figura do Sacerdote e o Significado da Religião em Nietzsche. Revista: **Anais do XIX Encontro de Iniciação Científica – ISSN 1982-0178 Anais do IV Encontro de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação – ISSN 2237-0420** 23 e 24 de setembro de 2014. Disponível: https://www.puc-campinas.edu.br/websist/Rep/Sic08/Resumo/2014812_222822_216512705_reseu.pdf acesso: 03/04/2024

CORRÊA, Sergio. O Niilismo e os Ideais Ascéticos na Terceira Dissertação da Genealogia da Moral. Revista: **Saberes Interdisciplinar de Filosofia e Educação**, 2016 disponível: <https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/download/8597/6312> acesso: 05/05/2024

VIEIRA, Thiago. O Niilismo em Parsifal. **Cadernos Nietzsche** 2022, Scielo Brasil. Disponível: <http://dx.doi.org/10.1590/2316-82422022v4302tky> acesso: 12/12/2024.

BINOCHE, Bertrand. Nietzsche, filho de seu tempo: a questão do ascetismo. **Cad. Nietzsche, Guarulhos/Porto Seguro, v.39, n.2, p. 11-26, maio/agosto, 2018**. Disponível: <http://dx.doi.org/10.1590/2316-82422018v3902bb> acesso: 20/04/2025

COSTA, José. Nietzsche, Vida e Ideal Ascético. **APRENDER - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação** 2022. Disponível: <https://periodicos2.uesb.br/aprender/article/download/11024/6893> acesso: 01/05/2024

Ensaio sobre a genealogia, o ressentimento e o mestre ascético / Leandro Antônio de Andrade. -- São Carlos: UFSCar, 2016. 91 p (38-74)

ARALDI, Claudemir. Niilismo e Ideal Ascético: Acerca do Valor do Ascetismo na Genealogia Nietzscheana. **Filosofia Unisinos – Unisinos Journal of Philosophy** – 20(2):175-183, may/aug 2019. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/72183103/60747218.pdf> acesso: 10/05/2025

RIBEIRO, Flavio. O Tipo Sacerdotal Asceta e a Política do Sentido: Abordagem a Partir de Para a

Genealogia da Moral, de F. Nietzsche. **Numen: revista de estudos e pesquisa da religião**, Juiz de Fora, v. 16, n. 1, p. 811-833. Disponível em: https://www.academia.edu/43493890/O_tipo_sacerdotal_asc%C3%A9tico_reativo_e_a_pol%C3%ADtica_do_sentido_abordagem_a_partir_de_Para_a_genealogia_da_moral_de_F_Nietzsche
acesso: 20/05/2025

CORBANEZI, Eder. Ciência e ascese no último Nietzsche. Para a Genealogia da Moral, Terceira Dissertação, parágrafos 23 ao 28. **Ipseitas**, São Carlos, vol. 6, n. 1, pp. 31-41, jan-jun, 2020. Disponível em: https://www.revistaipseitas.ufscar.br/index.php/ipseitas/article/view/411/pdf_185
acesso: 25/05/2025

LANDIM, Robione; MELO, Edgar; SANTOS, Gabriel; ALENCAR, Vinicius. A FIGURA DO SACERDOTE SEGUNDO A FILOSOFIA NIETZSCHIANA. **Centro Universitário Academia (portal de periódicos)** Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/ANL/article/download/2359/1578#:~:text=Para%20Nietzsche%2C%20o%20sacerdote%20n%C3%A3o.especialista%20em%20consolar%20a%20esp%C3%A9cie>. Acesso: 01/06/2025